

AÇÃO DIRETA

SEMÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

A mente livre tem o privilégio de escolher novos designios e novos rumos. Ter a mente aferada a um dogma, a um partido ou às ordens de um chefe é aceitar um embornal à boca e sujeitar-se a comer o milho que lhe dão.
Homem! Teu primeiro dever é ter a mente emancipada!

ANO I

Rio de Janeiro — Terça-feira, 7 de Maio de 1946

N.º 4

A BANDEIRA CAÍDA

Os trabalhadores estenderam pelo mundo o seu movimento reivindicador agitando uma bandeira ideal: o hino que despertava as almas, a música sonora que fazia ecoar estrofes imponentes, frases vigorosas vibrando dentro dos muros do capitalismo e fazendo estremecer os alicerces da fortaleza secular: A pé, ó vítimas da fome!

Terminavam as reuniões e os comícios proletários, após a afirmação de direitos sagrados e o juramento da luta sem treguas pelo pão e pela liberdade, com a execução da "Internacional", o hino dos trabalhadores: A pé, ó vítimas da fome!

Protestava-se contra as violências, contra as prisões; reverenciava-se a memória dos mártires de Chicago, sacrificados pelo ódio burguês; condenava-se o estrangulamento das greves, a vingança e a cobardia dos inimigos do povo escondidos atrás da força, das baionetas ou das masmorras policiais, entoando o hino da esperança, com toda a intensidade dos corações revoltados, com toda a ansiedade da multidão sedenta de justiça e de liberdade: A pé, ó vítimas da fome!

Muitos trabalhadores tomaram na luta, ou foram torturados pela asfixia da sua voz rebelde, teimosa, que não queria calar o sofrimento, que não aceitava a cumplicidade dos acordos ilusórios. E quantos teriam, nos seus derradeiros instantes de vida ou de liberdade, atirado à cara dos algozes numa lufada justiceira, numa formidável ameaça, o grito do seu hino implacável: A pé, ó vítimas da fome!

Lá onde parecia raiar o sol da emancipação, nas bandas do Oriente que teve civilizações, esquecidas, milhões de trabalhadores derrubaram a tirania dos

czares e implantaram uma república socialista ao som da "Internacional". Os ecos desse canto proletário multiplicavam-se pela face da terra, dando alento aos irmãos oprimidos. Vinha com eles a palavra de ordem: trabalhadores de todos os países, uni-vos. E desenvolviam-se pelas ruas das cidades as multidões de boina e blusa, estandartes vermelhos de sindicatos, insígnias de classes e ofícios, punhos fechados, olhos brilhantes, caras anêmicas, peitos inflamados, fazendo subir o clamor do povo entre palácios, em cujas fachadas assomavam temerosos os que nunca souberam o que é fome, para ouvirem a voz feita de milhões de vozes e milhões de lágrimas, de milhões de queixas e milhões de desafios: A pé, ó vítimas da fome!

Depois, a noite do fascismo cobriu metade do universo. Os falsos amigos do proletariado inventaram fórmulas bastardas de um corporativismo destinado a manter a escravidão industrializada. Proibiram-se as manifestações livres, e o hino dos trabalhadores foi banido do próprio seio dos trabalhadores. Tornou-se crime até ouvi-lo. Ai daquele que se atrevesse a entoar as suas terríveis estrofes! Mas elas entravam ainda onde quer que houvesse um receptor de rádio. Porque de um ponto longínquo onde se haviam fixado tantas esperanças de ressurreição, a "Internacional" se espalhava todos os dias, pelas ondas sonoras da radiodifusão que não conhece fronteiras.

Isso também acabou. O governo de um partido proletário, que tirou do proletariado a sua força para lhe impor afinal um regime de força, achou motivos para renegar o hino perfidioso há quase trinta anos. Motivos fortes não de ter sido, coisas da política de um estado que pretende combater imperialismos com

os processos de um imperialismo novo. A política tem razões que a razão desconhece. Silenciou a "Internacional". Foi substituída por uma linda peça musical, marcha de belos efeitos marciais e cadência impressionante. Mas aquele grito constante que chamava os trabalhadores à luta, já não se ouve. Já não vem de onde vinha antes. Era uma bandeira sonora, um estandarte ideal, e deixaram-no cair.

Não ficará caída essa bandeira. Nós que sempre estivemos na barricada das idéias, sem compromissos nem abastardamentos, sem alianças e sem planos de salvação pela ditadura de classe; nós que mantemos a verdadeira luta social, tendo como objetivo um mundo sem senhores; nós que formamos a legião universal da propaganda libertária, saberemos desfaldar agora e sempre a bandeira dos oprimidos, abandonada por quem dela se serviu e acabou esquecendo, num comodismo sintomático, o sofrimento dos seus irmãos do mundo inteiro.

A luta continua. Ainda mesmo no dia em que conseguimos formar uma sociedade libertária em algum ponto do universo, uma terra sem amos limitada geograficamente por fronteiras do velho mundo capitalista, não poderíamos considerar-nos livres nem arriar a bandeira da luta pela grande emancipação.

Por isso bradaremos sempre, passando a palavra de rua em rua, de terra em terra, suprindo a falta do rádio que se calou, ocupando o lugar da onda desertora, clamando, clamando, fazendo reunir milhares e milhões de vozes em que se misturam lágrimas e queixas e desafios: A pé, ó vítimas da fome!

R. Ferreira da Silva

ESTAMPAS DE ESPAÑA

La Cultura Popular en contraste con la Brutalidad Franco-Falangista

Por MANOEL PERES

El Padre Rodés

Mis crónicas semanales, que llevan por título "—Estampas de España—" tienen una finalidad profundamente humana, cual es, el destruir las calumnias divulgadas por las emisoras fascistas y la prensa reaccionaria de todo el mundo contra un pueblo noble y generoso, que luchó, y aun lucha heroicamente para conquistar el derecho soberano de ser libre.



En la Estampa de hoy pondremos frente a frente, como contraste entre la cultura y la barbarie, a los nobres milicianos del pueblo y a las hordas siniestras de Falange. Hablemos del Padre Rodés principal personaje de la crónica de hoy.

Desde hace muchos años el Observatorio Astronómico del Ebro, instalado en la ciudad catalana de Tortosa y considerado como uno de los mas famosos de Europa era dirigido por el Padre Jesuita Rodés, un verdadero sabio que prestaba a la ciencia servicios inestimables.

A pesar de sus sentimientos religiosos, trabajaba con tanto cariño en su labor científica que la República le conservó en su puesto aun despues de haber sido decretada la disolución de la Compañía de Jesus.

Al surgir la sublevación franquista Rodés estaba al frente del observatorio, y allí permaneció defendido y apoyado por los milicianos del pueblo hasta que los aviones alemanes — al servicio de Franco y de la Santa Madre Iglesia — destruyeron aquel monumento de cultura.

Dejemos que el Padre Rodés nos

cuente este episodio que hará palpar de emoción los corazones honrados.

En el verano de 1937, de regreso de una excursión de propaganda en Francia, donde permaneci tres meses tomando parte en actos a favor del pueblo español, fui llamado a San Feliu de Guixols. importante ciudad marítima situada en la llamada Costa Brava, afin de tomar parte en un gran mitin organizado por la Federación Obrera Local.

El mitin era por la noche, y como llegara allá a medio día un grupo de amigos, entre ellos Francisco Isgleas que en el inicio de la guerra fué Consejero de Defensa de Cataluña me llevaron a dar un paseo por la playa.

Sentado sobre una roca y contemplando las aguas inquietas de la bella ciudad catalana habia un hombre de aspecto respetable para el cual me llamó la atención Francisco Isgleas diciendome — Ese es el padre jesuita Rodés, ex-diretor del Observatorio del Ebro.

Como yo manifestara deseos de hablar a Rodés, Isgleas me presentó a el diciendole lo siguiente — "—Este amigo acaba de llegar de Francia y como escribe en nuestra prensa y en la prensa extranjera, desea saber su opinión sobre nuestra guerra y la conducta de nuestros milicianos, principalmente sobre el tratamiento que le dieron al ocupar el Observatorio que con tanta competencia dirigia.

Rodés, accediendo gustoso a mis deseos, habló de esta forma. Dias despues de haber surgido la sublevación de Franco llegaron al Observatorio varios milicianos armados de fusiles y llevando al cuello unos pañuelos rojos...

Confieso que tuvo miedo — continuó el Padre Rodés — pues

las emisoras de Franco hablaban diariamente de atrocidades cometidas por los rojos y creí que los milicianos venian a detenerme; cual nó seria mi asombro cuando el que parecia ser su jefe me dijo en tono cariñoso:

Padre Rodés, nosotros sabemos que usted es jesuita pero sabemos tambien cuanto vale como sabio y el cariño que há puesto siempre en el desempeño de su noble y humana misión.

Nosotros — continuó el miliciano — somos trabajadores, pertenecemos a la C. N. T. unos, otros a la U. G. T. otros a la F. A. I. y a las Juventudes Libertarias, y si abandonamos las herramientas del trabajo para empuñar las armas, es porque amamos la libertad que las hordas fascistas quieren arrebataranos.

Y porque amamos la libertad, la cultura, la ciencia y el progreso, estamos aqui para defender el Observatorio, que és patrimonio del pueblo, y en nombre de ese pueblo, queremos que continúe en su puesto, seguro de que nadie cometerá contra usted la menor violencia pues aqui estamos nosotros para impedirlo...!

— Y el Padre Rodés continuó — Al escuchar tan nobles palabras lloré de emoción y abracé com cariño al miliciano que las pronunciara.

Y despues, pregunté yo.

Despues, dijo Rodés, los milicianos permanecieron varios meses a mi lado ayudandome con verdadera dedicación, procurando que nada faltara para el buen desempeño de mi misión. Pero un día...!

Y Rodés, secando una lágrima continuó — Un día, aviones alemanes al servicio de Franco, que afirma defender la tradición española y los sentimientos católicos de nuestro pueblo, destruyeron con sus bombas aquel monumento de cultura, que era

orgullo de nuestra patria, y que los milicianos del pueblo, que ellos llaman de bárbaros, habian defendido com tanto cariño y entusiasmo...!

— Que contraste doloroso para mí...!

Y ahora...?

Rodés terminó — Ahora yá lo vé usted, estoy en la Zona Roja por mi propia voluntad. El Gobierno de la República me há autorizado para salir de España y me he negado a ello pues me siento bien entre este pueblo, mas bueno y mas humano que los que, invocando a Dios, abren las puertas de su patria a sus peores enemigos: los Nazistas y los Moros Mercenarios.

Espanoles del Brasil

Que las palabras del Padre Rodés penetren muy hondo en vuestro corazones, que ellas sirvan para destruir el veneno que las Hienas fascistas lanzaron un día sobre la ingenuidad de vuestras consciencias.

Y que ellas os indiquen com cruda realidad, el contraste que existe entre los bravos combatientes que luchan por la libertad y las hordas malditas que han sembrado en esa España tan querida para nosotros la sei illa cruel del dolor y la muerte...!

Abril de 1946.

Manoel Peres

Sindicato e Sindicato

Que diferença existe entre um sindicato de resistência e um sindicato socialista (de partido) e, peor, um sindicato estatal?

O sindicato de partidos ou o do Estado não tem liberdade de ação; está sujeito às leis trabalhistas ou às diretivas do partido. Ambos são dirigidos por líderes, presidentes ou secretários, obedientes ao Ministério do Trabalho ou ao chefe político do partido.

O sindicato de resistência tem absoluta liberdade de ação. Não possui presidente perpétuo, nem sequer periódico; suas assembléias são presididas por um companheiro apontado na ocasião. Não obedece a leis do Estado, porque se sente livre e quer discutir seus interesses, ele próprio, sem delegar a terceiros, ainda que

QUE IRÃO TRAMAR?

«Vão-se reunir secretamente em Paris os ministros do Exterior das quatro grandes potências...»

Que mais irão tramam contra a humanidade os representantes das Nações Desunidas?

sejam trabalhadores, sua opinião ou meio de luta.

O sindicato de partidos ou do Estado vota em fulano ou sicrano, em geral políticos profissionais para representá-lo nas câmaras de deputados.

O sindicato de resistência, por dolorosa experiência quase secular, sabe que esses políticos representantes são sempre a mesma raça exploradora, pronta a conchavar-se com a burguesia rica e trair os seus eleitores.

O sindicato de partidos ou do Estado aceita a vil carteira profissional e submete-se, desse modo, à tirania absoluta do Estado que o engana torpemente com a tal justiça trabalhista, a tal previdência, os tais benefícios irrisórios.

O sindicato de resistência repele tudo isso. Por experiência própria, sabe muito bem, que a burguesia só desce (como sempre disseram) a cuidar dos trabalhadores, para se defender a si mesma, quando se sente ameaçada pelos sindicatos livres. Só estes, os de resistência, são os verdadeiros sindicatos de trabalhadores.

DOCTRINA

Nesta página doutrinária inseriremos, traduzidos, artigos de militantes estrangeiros numa seleção cuidadosa. Pretendemos que os anarquistas brasileiros para os quais, na maioria, é inacessível a imprensa anarquista mundial, tenham conhecimento dos escritores anarquistas mais representativos do passado e do presente.

Com prazer traduzimos do quinzenário *Tierra y Libertad* 25-12-45, do México, o seguinte editorial cujos conceitos assentam como luva aos nossos líderes políticos ou sindicais. Tomamos a liberdade de grifar algumas frases.

A classe trabalhadora do México tem três inimigos mortais: o líder, o bacharel e o general.

Não haverá redenção possível para os obreiros mexicanos, escravos da mina, da oficina e do campo enquanto a dita trilogia intervier nas lutas mantidas pelo proletariado de nosso país contra o capitalismo, constituído, em sua maior parte, por estrangeiros, crioulos e mestiços: aventureiros filhos de aventureiros e descendentes de capatazes que ajuntaram seus milhões, de relho em punho, pegando e vilipendiando os pobres indígenas, eternas vítimas de invasores, curas e militares.

O líder não é o dirigente, nem o orientador da classe obreira organizada. É o amo, o viverdor e o traidor. *Vive sem trabalhar e é amigo do bacharel, do deputado e do general*, quer dizer, viverdor do Estado e do governo, porque desses sujeitos saem os juizes, os ministros e os presidentes eleitos e reeleitos. Porfirio Diaz foi presidente durante trinta anos, cometendo crimes imensos. A não reeleição é burla. Em seis anos de mando presidencial, podem-se praticar atropelos e assassinios. Não é assassínio dissolver a tiros, na rua, uma manifestação obreira?

O líder fraterniza com os patrões e organiza, nos despachos das gerências, a iniqua e denigrante lei oficial da mordida que se estende como chaga por toda a vida política, social e intelectual do México. A mordida é pior que o paludismo do trópico, pior que a gripe espanhola, pior

que a peste branca. É uma vergonha para todos os mexicanos. O líder pactua com a burguesia e acaba com qualquer conflito sem consultar os grevistas. Planeja e vende greves e muitas vezes inicia movimentos de massas sem permissão das mesmas, claro, para abiscoitar alguma sandalha política.

O líder recebe da caixa do sindicato, é subvencionado pelo governo e recebe a propina mensal da burguesia.

Gasta automóvel, vive em luxuosa residência de Chapultepec e os filhos andam bem trajados. Os trabalhadores mexicanos habitam um quarto estreito, sem luz e sem ar, nas infectas casas do cortiço. Não tem dez centavos para uma planilla e seus pimpolhos andam descalços, consumidos pela anemia. Os camponeses mexicanos exaurem-se nos sulcos da terra, depauperados, fracos, macilentos. Suas pupilas apagadas são protesto mudo contra os líderes do ejido. Odeiam a terra, o campo e a cidade. Os mineiros saem dos seus poços tristes e deses-

perados. O pulque venenoso serve de anestesia a sua tragédia moral e física.

Enquanto isso o líder prova o champanhe na boca da sua querida de ocasião.

O líder é útil ao governo porque mantém a multidão e a encaminha pela senda do vício.

O homem alcoolizado, a criança tuberculosa, a mulher pervertida, o ancião idiotizado são produto do liderismo. Não há conferências culturais nem livros abertos nos sindicatos, porque ao líder convém manter o operário na mais completa ignorância.

A juventude recebe ensino militar nos centros sindicais e lições patrioteiras. Galvanizam, assim, seus sentimentos e tornam-se autômatos em vez de homens.

O líder fez do elemento trabalhador do México um corpo sem energia, multidão sem pulso, vasto rebanho, que obedece, pena e cala.

Cumpra destruir o líder nas organizações operárias criando uma resistência nascida na Assem-

bléia geral de autênticos produtores. Os próprios trabalhadores devem assentar e manter os litígios com seus exploradores sem ingerência de líderes bacharéis ou generais. O explorado há de encarar os patrões desterrando o líder para sempre, inutilizando-o, suprimindo-o se preciso.

Vamos ilustrar esse artigo. No *Diário Carioca* de 5-2-46, quarta página, um dentista, o sr. José Silva reclama energicamente contra o sr. Adauto de Assis, presidente do Sindicato de Odontologistas do Rio de Janeiro. No tempo da ditadura Vargas, a censura não teria deixado sair a reclamação. Diz o sr. Silva: «Será naturalmente motivo de surpresa saber-se que um sindicato trabalha contra seus associados. É o que sucede, entretanto, com o Sindicato dos Odontologistas sob a presidência do sr. Adauto de Assis (é o líder). Esse meu colega nada tem feito de aproveitável pela classe sempre trabalhando contra ela, quando se faz necessária a sua intervenção. Haja vista a situação humilhante

e vergonhosa dos dentistas extranumerários da Prefeitura os quais, sob o beneplácito do Sindicato dos Odontologistas, estão classificados no mesmo padrão de um enfermeiro, percebendo quantia inferior à de um servente». E pergunta o sr. Silva porque não procura Assis agir melhor defendendo os interesses dos sacrificados dentistas, ele que percebe quatro mil cruzeiros de vencimentos pelo cargo de presidente do tal sindicato!!!

Ora, a denúncia do sr. Silva contra o líder do seu sindicato pode surpreender a todo o mundo menos a nós. Surpreender-nos-ia, ao contrário, um presidente que zelasse pela classe. Os presidentes, fingidamente eleitos, só assumem o lugar com o placet do Ministério do Trabalho. São pois pessoas de sua inteira confiança, postas ali para cuidarem dos interesses do Estado e dos patrões. Para arranjar esse posto que rende quatro contos mensais, essa mamata, há séria cavação e, entre os cavadores, o Ministério manda escolher precisamente o mais submisso aos seus ditames, o mais resignado a contrariar os sindicatos em favor da burguesia.

Pois o sr. Silva não compreende isso, crente ainda na possibilidade de um líder de sindicato do Estado ser defensor da classe.

Saiba que o líder aqui é o mesmo em toda a parte.

Se for líder político vai trair os trabalhadores nas Câmaras, apoiando os governos e a burguesia, sem achar ruim o automóvel caro e as refeições nos mais caros restaurantes.

Os tolos foram feitos para sustentar os espertos.

Os sindicatos amarelos, do Estado, estão mesmo a calhar para manter seus presidentes a quatro contos por mês!!!

O QUE DIZEM OS NOSSOS

(CRÔNICA DAS IDÉIAS)

— Em *La Protesta* de Buenos Aires, número de março, Tomás Soria protesta que, ainda hoje, os escritores burgueses empreguem a palavra *anarquista* no sentido de *desordem, falta de direção, de administração, confusão*, etc. Se não conhecem o valor do termo, estudem primeiro. O pior, porém, é que tal o façam autores que conhecem o que é anarquismo e cita o exemplo do escritor cristão

e republicano espanhol Angel Osorio y Gallardo. Emprega o no sentido de *caus. desordem*.

— No mesmo periódico E. Negus, em *Puntas de Fuego*, diz: «A fé na Anarquia tem de ser persistente como a gota da água, e certa e oportuna como essa palavra e essa voz; senão, não será. No entanto, o que hoje abundam são bailarinos de corda bamba, chamados inovadores, pa-

ra os quais renovar se é viver. Porém, renovar se não é voltar atrás... Sustentamos que para a Anarquia só se vai por caminhos anarquistas, falando claro contra o Estado e contra todos os que vivem fazendo concessões a tudo o que nega a magestade do indivíduo».

Achamos excelente a frase-programa do camarada E. Negus: (Conclui na página 4)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

(Continuação do numero 3)

III

12 — *Propriedade e autoridade* — Se alguém se apropriasse da luz solar, os outros homens se revoltariam e, por todos os meios, tratariam de privá-lo desse odio so monopólio. Igualmente, conquanto há séculos habituados ao regime da propriedade, os não proprietários se revoltariam contra os possuidores das terras, se estes não se defendessem, usando da força, da violência, de todos os meios. Estudaremos esses meios, um por um, mais tarde. Eles constituem, na realidade, um aparelhamento complicado.

A organização dessa força compressiva chama-se *autoridade* e os órgãos são vários: rei, presidente da República, ministros, chefes de polícia, delegados, almirantes, generais, juizes etc., etc.

13 — *A concorrência* — Os possuidores, entretanto, não lutam somente contra os não possuidores; procuram, de todo o jeito, extorquir se mutuamente. Cada qual deseja mais possuir, enriquecer sempre e todos investem, sem tergiversarem, uns contra os outros, enganando, subornando, furtando. Essa luta chama-se *concorrência*.

Essa concorrência, dizem os defensores da propriedade, é o maior incentivo do progresso, pois estimula os homens para a luta pela vida, fazendo-os inventar aparelhos, aperfeiçoar máquinas, descobrir processos de fabricação, apu-

rar a técnica industrial. Isso é perfeitamente exato e nada objetaríamos se os males por ela gerados não fossem tão extensos e profundos, que reduzem o progresso humano a lenta e dolorosa marcha através dos mais duros sofrimentos. Veremos adiante todos os desastres resultantes da concorrência; mas, desde já, entremostraremos o seu vício fundamental com uma simples observação.

Se o problema do homem é lutar contra as energias naturais desfavoráveis para anulá-las ou evitá-las, transformando as, quanto possível, em favoráveis e aproveitáveis, evidentemente melhor o fará pela colaboração inteligente de todos, do que pela encarniçada luta de uns com os outros. A última guerra, a guerra mundial, foi o mais extraordinário esforço conjugado dos homens, corpóreo e mental, da história. Se todo esse inculcável acervo de energias naturais se voltassem contra as energias naturais desfavoráveis, o homem teria, em cinco anos, realizado formidável progresso. Um sábio francês calculou que, se uma fração insignificante do dinheiro gasto pela França em canhões, metralhadoras, carabinas, navios e aviões, durante a guerra, fosse aplicado a captar as cachoeiras do Ródano, essa energia elétrica, ainda hoje desaproveitada, forneceria trabalho para mais de cem milhões de homens. Entretanto, a população da França decresce, não havendo atingido quarenta

milhões. E esse mesmo autor observa que várias tentativas teem sido feitas para aproveitar essas cachoeiras, mas todas não são impróprias por desacordos indelimitáveis entre os proprietários.

Porém, o vício mais essencial da concorrência é ser ela o deturpador feroz e constante da natureza humana. Com efeito, ela cultivava e afia os instintos egoístas e abafa ou embota os altruístas. O homem torna-se lobo, ou, na frase latina, *homo lupus*. O povo, na sua sabedoria, diz: — Amigos, amigos, negócios a parte —. Nos negócios, quer dizer, na luta comercial, na concorrência econômica, desaparecem os amigos, todos somos, uns dos outros, inimigos. Brigam os irmãos por causa das heranças e rios de dinheiro se gastam com processos, falências e o mais.

O anarquismo propõe, em vez da concorrência, a *colaboração*, a harmonia do trabalho, pois só essa harmonia, multiplicando as forças humanas contra a natureza, dará fartura e bem-estar a todos.

Note-se que essa concorrência não se limita aos indivíduos de um mesmo território ou país; estende-se aos possuidores de todas as nações e é portanto internacional ou mundial.

14 — *O Estado* — Nessa luta ferrenha, os homens se estraçalhariam se não fossem regulada suas investidas pela *autoridade*. A segunda função da autoridade,

é regular a concorrência econômica, estabelecendo normas na competição, impedindo, normalmente, que se transforme em saque e morticínio.

A organização da autoridade chama-se *Estado*.

15 — *Sétupla feição do Estado* — Como órgão da defesa dos proprietários contra os proletários e de regularização da concorrência entre possuidores, assume o Estado sete feições: a feição econômica, a feição financeira, a feição política, a feição militar, a feição jurídica, a feição pedagógica, e a feição religiosa.

16 — *A feição econômica* — O homem, para apropriar-se das energias necessárias à vida, tem de acionar as energias cósmicas ao seu alcance. Quando ele apenas recebe essas energias, por exemplo, o calor solar, esse calor é um *dom gratuito*, uma energia não acionada por ele. Quando, porém, esse mesmo calor é aproveitado para evaporar a água de uma salina, torna-se força acionada pelo homem para um fim produtivo e constitui um *capital*. A terra lavrada é *capital*. O próprio corpo humano é *capital*. Os instrumentos de produção, também. Chama-se pois, *capital* toda energia acionada para captar energia útil.

17 — *Os característicos da feição econômica* — O que, porém, caracteriza a feição econômica do Estado é ser o capital por ele garantido particular, isto é, detido por um indivíduo, um grupo

de indivíduos ou pelo próprio Estado, com exclusão dos demais.

Uma sociedade onde o capital é particular denomina-se capitalista. O anarquismo propõe uma sociedade onde o capital seja comum a todos. Quer, pois, uma sociedade comunista.

Dêse o característico geral decorrem outros caracteres do capital. Primeiro, é *transmissível*. Nesse regime, sendo o indivíduo dono do capital, pode vendê-lo, trocá-lo, dá-lo. Em regime anárquico, o capital é *social*, pertence à sociedade e é, por isso intrasmissível.

A transmissibilidade do capital gera a sua *acumulabilidade*. Qualquer indivíduo pode acumular, para seu uso e abuso *adquisiro*, todo o capital por ele adquirido pela concorrência, dentro do direito, quer dizer, sem ir de encontro às leis, ou fugindo às leis, mas evitando a polícia e os tribunais (roubos, furtos, estelionatos, etc., impunes) Em regime anárquico, o capital é *inacumulável*, pois os indivíduos, como veremos, teem somente o usufruto dos bens.

O leitor deve refletir muito nesse caráter da *transmissibilidade e acumulabilidade do capital*, pois nesse fato assenta o eixo mesmo da sociedade capitalista, o regime da exploração organizada. É pela transmissão e acumulação que os parasitas e agiotas, comerciantes espertos, banqueiros, usurários, todos, enfim, *enriquecem*.

(Continúa)

MOVIMENTO ANARQUISTA

Atuação anarquista nos sindicatos

Solidaridad, de Montevideu, órgão da *Federación Obrera Regional Uruguaya*, defendendo a atuação dos anarquistas nos sindicatos como poderoso meio de propaganda e preparação revolucionária, escreve: «Repetidas vezes temos sustentados que não devemos atribuir todo o mal causado à idéias e aos movimentos obreiros nelas inspirados, unicamente à reação dos Estados. Esse mal, pode-se apurar, provém ainda de não preocupação dos anarquistas ou libertários com as questões obreiras e agremiação do proletariado, dadas principalmente suas preferências aos grupos e organização especificamente anarquista. Atualmente, há países onde o mal prossegue em estado latente, não por causa de situações repressivas, senão por falta de atividades no terreno gremial e o nenhum interesse por criar um movimento obreiro anarquista».

Depois, referindo-se à situação mexicana continua:

«Pelo exposto, longe de nos negar que os companheiros mexicanos, que preferem a atuação nos grupos e ateneus, e se dedicam à consolidação de um movimento especificamente anarquico, realizem labor eminentemente anarquista e trabalhem afanosamente pela Revolução Social. Longe de nós tal propósito. O que pretendemos é sugerir que, se no México e demais países americanos chegasse a preponderar o objetivo imediato de criar um movimento obreiro de finalidade anarquista, se faria obra revolucionária mais vasta e profunda e lográriamos contar com muito mais possibilidades para que o anarquismo possua um poderoso movimento obreiro realmente afim e apto a opor-se, resolutamente, a todas as forças autoritárias de cima e de baixo».

A essas palavras, com que estamos, os do Brasil, de perfeito acordo, faz *Tierra y Libertad*, do México, o seguinte comentário que *Ação Direta* acha indispensável traduzir para conhecimento dos militantes brasileiros: «Estamos identificados com a necessidade da intervenção dos anarquistas no movimento operário, pelos mesmos motivos expostos pelos companheiros de *Solidaridad*. E como se referem a nós no precedente escrito, cumpre cientificá-los de que existe, aqui no México, nenhuma Central Obreira afim. Todas elas são refúgio de viveres e tipos que do liderismo fizeram profissão. Há-os como Henrique Rangel, ex anarquista e atual secretário da Confederação Proletária Nacional, que pretende aparecer como sindicalista, quando seu afã não passa de, surpreendendo a boa fé de companheiros do exterior, ter seu apio moral para ocupar a posição desfrutada para Lombardo Toledano, presidente da Continental reformista deste Continente. Pomos, assim, de sobreaviso a todos os companheiros e sindicatos afim para que estejam alerta se os convidarem a algum Congresso Continental que não seja patrocinado pela Associação Continental constituída e com sede na Argentina. Na sombra, prepara-se essa baixa manobra. A Confederação, patrocinada pelo renegado Rangel é tão digna de desaparecer como suas gêmeas existentes neste país».

Agradecemos a *Tierra y Libertad* a informação, porém, voltando à importantíssima sugestão de *Solidaridad*, o que mais nos impor-

taria conhecer é o seguinte: «Haverá ou não ambiente para a criação, no México e nos demais países americanos, de Centrais Obreiras com tendência anárquica? E, se não há tal ambiente, quais os meios mais certos, em cada país, de o criar primeiro para depois organizar a Central?».

Isso é o que propomos acima de tudo, hoje em dia, ao exame detido dos anarquistas de toda a América. Temos de criar centrais do tipo C. N. T. em todos países americanos. Possuimos o modelo. Importa somente plantar, mudar no solo da América.

Ora, no Brasil, tínhamos antes de 1919, a poderosa Federação Operária Brasileira de tendência francamente anárquica. Havia sindicatos amarelos, porém poucos, fracos e sem eficiência.

Como se formou a Federação?

Quando me fiz anarquista em 1912, havia uns três pequenos sindicatos no Rio onde predominavam anarquistas. Esses sindicatos abrangiam uns três a quatro mil operários e sua movimentação reivindicadora era insignificante.

O grupo anarquista do Rio, em perfeito entendimento com o de S. Paulo e, mais tarde, de Porto Alegre e Pelotas, começou intensa propaganda. Os sindicatos estavam dominados por políticos famosos: Irineu Machado, Evaristo de Moraes, Nicanor do Nascimento e outros.

Tão intensa foi a campanha que rara noite não falávamos em algum sindicato.

Em 1918, quando estourou a greve de 18 de novembro, malograda com a traição do tenente de cavalaria Ajos, o número dos sindicatos componentes da F. O. B. eleva-se a mais de trinta e acolhia o respeitável número, só no Rio, de 150,000.

A burguesia assustou-se. O chefe de polícia Aurelino Leal reagiu fortemente, mas nada conseguiu. Ao contrário quando nos safamos do cárcere e do processo em 1919, fundamos, com sede e tabuleta na Avenida Rio Branco, um diário anarquista *A voz do Povo*.

Em sete anos, pois, havíamos

criado, escorraçando, primeiro, todos os polícos dos sindicatos, uma Central Obreira forte, mais forte ainda se considerarmos o movimento muito maior em S. Paulo.

Reforçando a opinião de *Solidaridad* afirmamos: «O Estado não pôde destruir nossa Federação. A união dos trabalhadores, com o método da *ação direta*, é realmente arma acima de qualquer estimação. A história minuciosa do movimento brasileiro de 1912 a 1919 o prova exuberantemente e mesmo depois, ainda sob o fascismo, após 1930».

Mas, perguntareis, porque desapareceu essa Federação? Como se desfez tão absolutamente?

A história é tristíssima e a mesmo ocorrida em vários países.

Em 1919, caiu no mundo a mais tremenda praga de todos os tempos, incomparavelmente mais daninha que a influenza espanhola: o *bolchevismo*, esse filho bastardo do socialismo, estatal, mascarado com o nome de *revolucionário*.

O bolchevismo russo, por ação nefasta, subreptícia, infamante de Trotsky, achou, no Rio de Janeiro, uma receptora condigna: Astrogildo Pereira. Este anarquista renegado iniciou em surdina, com aspirações, parece, a chefe, a campanha desmoralizadora dos companheiros anarquistas nos sindicatos, de perfeito acordo com as diretrizes assinadas por Trotsky e publicadas no *Boletim Comunista de França*.

Os novos métodos foram seduzindo companheiros até dos mais eficientes. O que o Estado com sua polícia não pudera conseguir, a política ditatorial russa logrou rapidamente, de tal maneira que, ao despertarmos nós, anarquistas, em 1919, com a desorganização do nosso diário *A voz do Povo* sabotado por Astrogildo e os gráficos, estavam minados quasi todos os sindicatos.

Todavia, nossa reação foi tremenda. Lutamos corpo a corpo e tínhamos certeza de vencer. Porém, o golpe quebrara a resistência daquela fortaleza que era a Federação.

Ora, Epitacio Pessoa, presiden-

te em 1919, inaugurou o fanfarronismo fascista. Consequência: revolução do primeiro 5 de julho. Arthur Bernardes quis seguir-lhe o exemplo de presidente autoritária Consequência: revolução do segundo 5 de Julho, com reação violenta.

Nesse 1924, a polícia de Bernardes, cujo chefe, Geminiano Franca, ainda sofreu rudes golpes da Federação, embora enfraquecida, valendo-se do estado de sítio, atirou-se em cheio contra os anarquistas. Chamo a atenção de todos para o seguinte fato. Vitorioso Bernardes, voltando eu da prisão em 1925, apurei os nossos destroços: numerosos anarquistas enviados para Clevelândia (limites com a Venezuela) e, quasi todos, mortos; outros foragidos, outros encarcerados ou deportados; mas, dos comunistas, nem um só preso ou deportado.

Assim, quando, em fins de 1925, reiniciamos a luta, estávamos, por assim dizer, aniquilados. Todavia, não esmorecemos e reencetamos a tarefa de salvar os sindicatos.

Nossa obra foi eficiente; mas, a luta era desigual porque tínhamos contra nós, desfazendo nossa obra, a todo instante, com tenacidade mais digna de outros fins, o cupim daninho do bolchevismo russo.

Todavia ainda esse foi superado e fomos vencendo galhardamente quando Getúlio, com ares de liberal, chefe da *Aliança Liberal*, contra Washington Luiz, inaugura o Ministério do Trabalho e arvora o ministro Lindolfo Color em legislador fascista.

Empenhamo-nos em tremenda luta contra o fascismo ministerial. Lindolfo Color, em S. Paulo, ao querer falar aos trabalhadores, é extrepitosamente vaiado e a Federação Operária Brasileira decreta a não aceitação da *carteira profissional* e repele a lei sindical de Color.

Foi uma batalha memorável. O Estado perderia certamente a batalha. A Federação decreta greve geral contra as *carteiras*. A decisão fôra tomada em S. Paulo, onde pessoalmente lutei, ao lado de Lenenroth e outros camaradas, contra os bolchevistas que tentaram empolgar a assembleia. Os trabalhadores estavam todos conosco, menos a facção comunista.

E que sucedeu? Havendo perdido a partida durante a noite, os comunistas declararam, no dia seguinte, por todos os jornais que aceitavam as carteiras e aconselhavam seus adeptos a irem trabalhar.

De modo que, a experiência nos mostra que a luta principal há de ser, nos sindicatos, contra o partidos políticos mascarados de revolucionários. Todos eles, se os trabalhadores não lhes satisfazem as ambições, os traem com a mais objecta semcerimônia.

Posto assim o problema, voltarei a ele no proximo número.

José Oiticica

(Conclui na página 4)

Documentos para a História A sublevação Franco-Falangista e a Obra Construtiva do Proletariado Espanhol

por Manoel Peres

Prólogo.

O povo brasileiro e de igual forma a maioria dos povos da América desconhecem, em seus menores detalhes, não só o que foi a chamada Guerra Civil Espanhola, como também as maravilhosas realizações postas em prática pelos trabalhadores da Espanha numa das epopéias mais heróicas e brilhantes que registra a história humana.

Eu vou contar o que foi aquela tragédia e vou contá-la porque a vivi intensamente participando, ao lado daquele povo generoso, de todas as inquietações e de todos os momentos de alegria que aquela luta inesquecível proporcionava a todos os que amamos a liberdade e a justiça.

Prometo sinceramente dizer a verdade, sem paixões, sem sectarismos, sem espírito partidário, pois não quero imitar os que, cegos pelo fanatismo, atribuem a um grupo de homens e a um só partido, todos os êxitos da luta, lançando sobre os demais sectores as responsabilidades dos erros e das derrotas que surgiram durante a guerra.

Na Espanha, não lutou um partido ou uma organização, lutou um povo inteiro; e esse povo defendia heroicamente a sua liberdade, estava integrado por todos os partidos e todas as organizações.

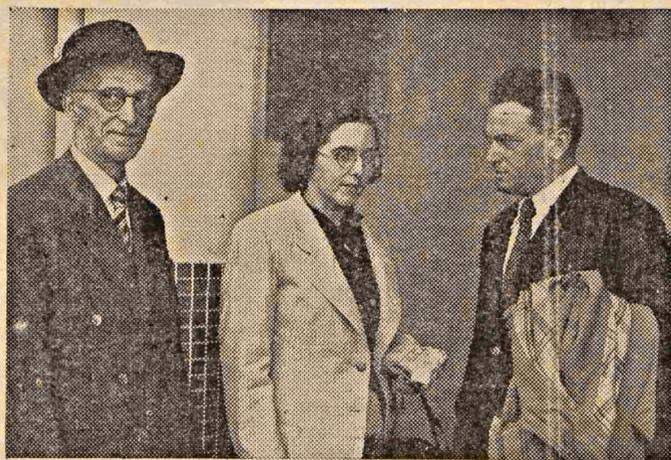
Vejam pois, em primeiro lugar, qual foi a origem da Guerra Civil Espanhola e como foi realizada a invasão nazi-fascista, para depois expor, com todos os pormenores, o que chamamos — *A Obra Construtiva do Proletariado Espanhol*, ou seja, a prática do verdadeiro socialismo em plena guerra.

A guerra mundial começou na Espanha

Contrariando a opinião Internacional que declara ter sido iniciada a Guerra Mundial no dia 4 de setembro de 1939, como consequência da invasão da Polónia pelas hordas de Hitler, eu afirmo ceterogicamente que ela começou na Espanha, no dia, 17 de Julho de 1936, quando o traidor *Francisco Franco Bahamonde* deu, em Santa Cruz de Tenerife, capital das *Ilhas Canarias*, o grito de *«Abajo la República, y arriba España»*.

O chefe supremo da sublevação seria o general Sanjurjo que morreu tragicamente num desastre de avião quando de Portugal voava para Madrid afim de dirigir o movimento. Esse desastre, e mais tarde a morte do general Emilio Mola, também num desastre de avião, determinou que Franco, que seria apenas um auxiliar de Sanjurjo, fosse elevado à categoria de *Chefe do Novo Estado Espanhol*.

Luci Fabri visita o Brasil



A conhecida anarquista italiana Luce Fabri, atualmente fixada no Uruguai e editora de *Studi sociali* esteve no Rio e, de passagem, em São Paulo.

Infelizmente seu estado de saúde obrigou-a a afastar-se do Rio e pouco esteve no nosso convívio.

A fotografia acima nos

mostra a querida Luce ao lado de Edgard Leuenroth (o de chapéu) e o companheiro italiano Bibi, ex-combatente em Espanha.

Luce a todos encantou com a sua sensibilidade feminina e admirou com seu pasmoso conhecimento dos problemas anárquicos em todo o mundo.

NOS ARRAIAIS MOSCOVITAS...

DOS JORNAIS:

NATAL, 25 de Abril — O líder comunista desta capital, Djalma Maranhão, foi expulso do partido, pelos dirigentes da seção local do P. C. B., em virtude da publicação que fez, na imprensa, de uma longa carta aberta, no qual denuncia aqueles dirigentes, que são os Srs. José Costa, Miguel Moreira e João

Anastacio, como "refinados ladrões", acusando-os, além disso, de causadores do "deficit" do partido, que monta a cinquenta mil cruzeiros.

A carta do Sr. Djalma Maranhão causou grande alvoroço, notadamente no seio dos elementos comunistas daqui, esperando-se que os acusados apresentem defesa.

DOCUMENTARIO

libertários brasileiros leiam, nos documentos, o modo de pensar, as resoluções e atividades dos militantes nos vários países. Nesta página irão sendo eles arquivados e constituirão uma história viva do anarquismo mundial.

Por uma Federação Anarquista Internacional

Os problemas do após-guerra requerem um estudo profundo e da sua solução depende a vida futura da humanidade.

Até agora, as Internacionais, em seus diferentes matizes se não falharam de todo, deram pouco fruto e isto tem sido devido a falta de afinidade que têm agrupado núcleos de diferentes países sob um prisma de interesses comuns, mas que se repelem mutuamente por assentarem em bases econômicas diametralmente opostas. Nesta guerra só se salvou do naufrágio a Associação Internacional dos Trabalhadores, inspirada nas doutrinas do anarcossindicalismo. Só esta pôde subtrair-se a influência de certos interesses políticos e econômicos e guardar sua imparcialidade na peleja macabra; só ela pôde manter a afinidade ideológica que sustinha seus membros ou as organizações que lhe deram a vida. Dito isto e considerando que o produto do trabalho é só uma das muitas atividades que devem ter os organismos sociais, e que encontra sua expressão no sindicalismo revolucionário, entendemos que o anarquismo deve estruturar sua vida própria à margem das organizações sindicais, numa Federação Internacional, apoiando-se nessas organizações proletárias, infiltrando nas mesmas seu espírito e sua essência. Isso que é factível e deve realizar-se, deve fazer-se simultaneamente estruturando, no plano econômico de anarcossindicalismo, as federações livres inspiradas nas concepções ácratas, atendendo-se a todas as experiências vividas. Para o anarquismo, o sindicalismo deve ser um meio e nunca uma finalidade. Muitos e múltiplos são os problemas para resolver e a solução depende de cada um e de todos os anarquistas que devem levar o fruto de suas experiências à cooperação coletiva dentro das organizações específicas vinculadas na Federação Anarquista Internacional, súpula de todas as energias, receptáculo de todas as iniciativas, para que da mesma surjam as novas modalidades que não de assegurar a todo indivíduo um mínimo de bemestar garantido pelo esforço

comum de todos os homens. Nem um minuto podemos desperdiçar. O tempo urge e os problemas que temos de resolver exigem diligência e mobilidade mental para que, num prazo não longínquo possam concretizar-se as aspirações de todos os povos numa fórmula de luta que assegurem a vitória desejada e ponham termo a todas as desigualdades econômicas e sociais apagando, dentro dos povos, todas as diferenças raciais e filológicas.

Convidamos os anarquistas a que adiram à nossa tarefa mandando sua colaboração, suas sugestões, suas iniciativas, seus estudos econômicos e sociais à Comissão Provisória da Federação Anarquista Internacional, que, em seu Congresso Constitutivo, determinará as bases, que não de

reger o destino futuro dos povos.

Individualidades, grupos e Federação, em pé! para essa obra comum. Todos, sem distinção, temos o dever moral de ser os arquitetos dessa magna obra da qual depende a felicidade universal.

Terminemos com a guerra, com a miséria, com a desigualdade, fazendo desaparecer os governos e demais sistemas de opressão com nossa união dentro duma Federação Anarquista Internacional, que, no porvir, completará o mundo do trabalho, assegurando a cada um e a todos o direito a vida e ao desfrute da riqueza social.

Pela Comissão Provisória da F. A. I.

10 de Março de 1946.

A sublevação Franco-Falangista e a...

(Conclusão da página 3)

Vejam agora como foi organizada a sublevação na Espanha e quais foram os seus principais personagens, pois há coisas muito interessantes que os leitores de "Ação Direta" devem conhecer.

Sanjurjo organizou, no dia 10 de agosto de 1932, uma sublevação militar contra a República, dando em Sevilha, capital da Andaluzia, o seu grito de revolta. Esse movimento foi sufocado rapidamente, graças à ação enérgica da C. N. T. que declarou a greve geral auxiliando eficazmente as forças leais na sua luta contra os rebeldes.

Sanjurjo foi condenado à morte e a República, sempre generosa com os reacionários, comutou essa pena para a de 30 anos de prisão e, em fevereiro de 1936, após o triunfo eleitoral da Frente Popular, foi posto em liberdade, em virtude da anistia decretada pelo governo de esquerdas, organizado pelo presidente Manuel Azaña...

Pretextando motivos de saúde, Sanjurjo abandonou a Espanha instalando-se na cidade de Cintra (Portugal) onde, auxiliado diretamente por Oliveira Salazar, preparou cuidadosamente a conspi-

ração que devia pôr fim ao regime republicano na Espanha.

Visitas a Hitler em Berchtesgaden e a Mussolini em Roma.

Em Maio de 1936, o General Sanjurjo, acompanhado do Coronel Beigbeder, adido militar à Embaixada da Espanha em Berlim, visitou Hitler no seu Castelo de Berchtesgaden e, ao mesmo tempo, José Antonio Primo de Rivera, fundador de Falange, acompanhado do famoso político monárquico Goicoechea visitava Mussolini em Roma.

Nessas entrevistas, ficou deliberado que o golpe contra a República Espanhola seria desfechado no mês de Outubro de 1936, tendo os organizadores a certeza absoluta de que o Exército Republicano seria vencido em menos de 48 horas, contando desde logo com o concurso decidido de Hitler e Mussolini.

Triunfante na Espanha o fascismo, a Itália e a Alemanha estariam em situação excelente para provocarem a guerra europeia dominando rapidamente a França que, atacada simultaneamente por três fronteiras, Alemanha, Itália e Espanha, seria impotente para defender o seu território.

Dois fatores imprevistos modificaram totalmente os planos dos conspiradores: primeiro, a morte de Calvo Sotelo, considerado como chefe civil da sublevação, morte ocorrida no dia 16 de julho de 1936 e que precipitou o golpe fascista, iniciado no dia seguinte, ou seja, no dia 17 de julho nas Ilhas Canarias e no Marrocos Espanhol.

O segundo, e que desesperou profundamente os ditadores fascistas, foi a heroica resistência do povo espanhol, que, longe de ser vencido em 48 horas como eles calcularam, lutou durante três anos, numa epopéia sublime e sem precedentes na história humana.

Desta forma, a guerra mundial, preparada para outubro de 1936, foi adiada para setembro de 1939, o que permitiu as chamadas Nações Democráticas da Europa, a terem maiores elementos de defesa para fazerem frente às hordas totalitárias.

No próximo artigo.

Início da Sublevação e ocupação das Ilhas Baleares pelas legiões fascistas.

NÃO APOIADO!

Pelo DR. SATAN

ROMA — Assinado por Togliate, ministro da justiça e representante, no governo italiano, do Partido Comunista, foi afixado, por toda a Itália, um pasquim em que se lê: « Todos os que tentam fazer reviver uma guerra contra a religião são sobreviventes do fascismo ».

Depois de ter salvo a casa de Saboia, pretende Moscou salvar o Papa. Agora que a religião deixou de ser o ópio do povo, só nos falta ver Stálin entrar ofelicamente para um convento em companhia de Salazar...

MOSCOU. — « Foram enforcados sete alemães em Nicolaiev ».

Conformar-nos-íamos com que os soviéticos enforcassem apenas dois contra os quais tanto berram: Franco e Salazar, assassinos dos povos ibéricos. Para os carrascos de Stálin é mais fácil fulminá-los pelo rádio. No final, satisfeitas mais algumas das suas ambições imperialistas, contentar-se-ão, como da outra vez, com uma política de não intervenção.

A RUSSIA SOVIETICA

Data venia transcrevemos de Seleções de março passado o seguinte trecho, conclusão de um estudo, condensação da Anatomy of Peace de Emery Reves:

« Vinte e cinco anos após a criação do primeiro estado comunista, baseado nos princípios de Marx e Lênin, a União Soviética mostra-se Transformada no maior estado-nação da terra, armado duma burocracia todo-poderosa, do maior exército permanente do mundo, duma força policial sem par que vigia as atividades de cada cidadão e com uma nova hierarquia social dotada de privilégios excepcionais para aqueles que se encontram nas posições de mando ».

Confere! Falta dizer apenas que os anarquistas de toda a parte previram isso e mais que os trabalhadores russos, enganados com a lengalenga marxista do Estado proletário, seriam depois forçados, para safarem-se da escravidão, a fazer outra revolução!

« O corpo de Mussolini foi roubado por desconhecidos que deixaram no cemitério apenas uma perna do duce ».

Os jornais atribuem o caso a necrofilia política. O mais verossímil, porém, é que, dada a fome que lavra por toda a Itália, o suíno fascista haja sido retirado da salgadeira para saciar o estômago de famélicos que, durante a guerra chegaram a devorar ratos. O que não se compreende bem é que tenham lá deixado um presunto.

« Gromiko declara que a U. R. S. S. não renunciará ao petróleo do Irã » Era de prever: há muito que a chamada ditadura proletária se converteu numa ditadura petroletária...

« Até capitalistas estão contribuindo para o comunismo... »

O ministro da justiça parece mesmo estalinista; confunde comunismo com capitalismo de Estado, ditadura do proletariado com ditadura do Partido falsamente chamado comunista.

O que há hoje na Soviécia, sr. ministro, está para a Revolução russa como o bonapartismo para a Revolução Francesa. Comunistas, verdadeiros comunistas, somos nós, os anarquistas, pois o autêntico comunismo é indissociável da liberdade e, por isso, os verdadeiros capitalistas que nos auxiliem, nem deões ingleses, nem bispos brasileiros, nem embaixadores norte-americanos que nos defendam. O bolchevismo e seus derivados — fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo — são as últimas tentativas do capitalismo e da auto-cracia para sobreviverem.

« Cuidado com o falso padre que anda pedindo dinheiro para o Vaticano! » adverte a Câmara Eclesiástica. Mas, que diferença existe entre um verdadeiro e um falso padre?

Não pretendem ambos arrancar a camisa aos incautos? Preferimos gritar: — Cuidado com os vigaristas!

« Revin afirmou, uma vez mais, que não reconhece, no governo de Franco, um perigo para a paz do mundo, nem para a democracia ». Os socialistas ingleses foram sempre assim: socialistas por fora e ingleses por dentro...

O QUE DIZEM OS NOSSOS

(Conclusão da página 2)

Para a Anarquia só se vai por caminhos anarquistas! Que ela se inscreva, como lema, em todos os recintos libertários e publicações anárquicas.

— Em *Solidaridad Obrera*, de 2-3-1946, México, o companheiro Guilarte mostra o papel importante dos jovens libertários nos sindicatos obreiros. Esses sindicatos são agrupações heterogêneas, mas há neles um laço comum, o sentimento de defesa e melhoria. Há neles, latente, um germen de rebeldia que se deve fazer brotar e crescer, levando-o para o verdadeiro caminho antes que sejam deformados ou desviados pelos exploradores. Cumpre mostrar-lhes que aumento de salário e diminuição de trabalho não resolve o malestar humano. Temos de revelar-lhes a necessidade de abater o capitalismo no mundo. Essa a missão dos jovens anarquistas nos sindicatos. Além de expor a idéia, importa infundir-lhe o sentimento da anarquia.

Indispensável, além disso, é que nunca abandonem a obra iniciada

e conseguida; senão, os políticos recomeçarão a obra nefasta de promessas e mentiras.

— Juan Papiol no mesmo número de *Solidaridad*, investe contra os que supõem haver o anarquismo falhado. E clama: « O anarquismo não falhou já que suas idéias ainda não foram plasmadas em nenhuma realidade. Todavia, os ensaios que o anarquismo espanhol levou a cabo constituíram esplêndida promessa de êxito para o dia não longínquo em que o clima social seja propício à sua realização. A obra revolucionária produzida através das coletivizações e da qual falaremos em outro trabalho, evidência, contra o parecer das almas revolucionariamente mortas, as enormes possibilidades de transformação social para a Sociedade á crata ».

Segundo Papiol, o que se malogrou na luta contra Franco, foi a colaboração de anarquistas e da organização anarquista no governo republicano. Foram enredados pela política profissional e deixaram de fazer o que a doutrina anarquista lhes ensinara.

Administração

1 — *Ação Direta*, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de *Ação Direta*.

Tão pronto o número de contribuições ultrapassar as necessidades de *Ação Direta*, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.